

Primeiro lugar na lista do *The New York Times*

NORA ROBERTS

A Pousada ~ 1

UM NOVO AMANHÃ

"Nora utiliza a própria
vida para criar uma trilogia
cativante, doce e sexy."

Library Journal



UM NOVO
AMANHÃ



Para John Reese,
o melhor chefe do mundo,
e os funcionários da Pousada BoonsBoro.


A música e o silêncio do coração,
Que em parte são profecias, e em parte
São um desejo selvagem e vão.

– LONGFELLOW





Barbearia
do Pete




Prefeitura de
Boonsboro

ALLEY 5


Livraria Virando
a Página

NORTH MAIN STREET


Lojinha da Pousada


Pousada
Boonsboro

PARK LANE


Salão de Beleza
da Sherry

SAINT PAUL STREET


Agência dos
Correios

POTOMAC STREET


Pizzeria Vesta

SOUTH MAIN STREET

REEDERS ALLEY

Cidade de Boonsboro

capítulo um



AS PAREDES DE PEDRA estavam de pé havia mais de dois séculos, simples, mas resistentes. Formadas por rochas das colinas e dos vales, erguiam-se como testemunho do desejo – tão comum ao ser humano – de deixar uma marca, de construir e criar.

Ao longo desses duzentos anos, o homem uniu pedra e tijolo, madeira e vidro, ampliando, transformando, aprimorando segundo as necessidades, as épocas, os caprichos. Nesse período, a construção situada na encruzilhada viu o povoado se tornar uma cidade à medida que novos prédios eram edificadas.

A estrada de terra foi asfaltada. Cavalos e charretes deram lugar a carros. Os estilos mudaram num piscar de olhos. Porém ela permaneceu lá, num canto da praça, como um marco duradouro em meio ao ciclo das mudanças.

Envolveu-se com a guerra, ouviu o eco da artilharia, os gritos dos feridos, as preces dos temerosos. Conheceu sangue e lágrimas, júbilo e fúria, nascimento e morte.

Floresceu nos bons tempos e resistiu aos períodos difíceis. Mudou de mãos e de propósito, mas as paredes de pedra permaneceram de pé.

Com os anos, a madeira de suas graciosas portas de duas folhas começou a se deteriorar. O vidro se despedaçou, o reboco rachou e se desfez. Ao erguerem os olhos, motoristas que paravam no sinal da praça da cidade viam pombos entrando e saindo pelas janelas quebradas e se perguntavam o que teria sido aquela velha construção. Mas o sinal abria e eles seguiam adiante.

Beckett sabia muito bem.

Estava parado na outra extremidade da praça com os polegares enfiados nos bolsos da calça jeans. O ar carregado do verão se mantinha imóvel. Como não vinha carro nenhum, ele poderia ter atravessado a rua princi-

pal mesmo com o sinal aberto, mas ficou esperando. Lonas azuis opacas cobriam toda a fachada do prédio. No inverno elas haviam protegido os operários do frio. Agora ajudavam a bloquear o sol e a vista.

Contudo, Beckett sabia qual era a aparência do prédio naquele momento e como ficaria quando as obras terminassem. Afinal, ele projetara todas as alterações, junto com os dois irmãos e a mãe. Mas, nos papéis do projeto, ele é que contava como arquiteto, sua principal função como sócio da Empreiteira Montgomery.

Por fim, atravessou a rua. Seus tênis mal faziam barulho no asfalto, em meio ao silêncio abafado das três horas da manhã. Passou por baixo do andaime junto à construção, descendo a St. Paul. Ficou feliz por ver, à luz dos postes, como as pedras e os tijolos haviam sido bem limpos.

O prédio parecia velho. Aliás, de fato *era* velho, e isso constituía parte de sua beleza e encanto. Agora, porém, pela primeira vez em suas lembranças, dava a impressão de estar bem cuidado.

Deu a volta pelos fundos, pisando na terra ressecada pelo sol e em meio aos entulhos da obra, que estavam espalhados pelo que em breve se tornaria um belo pátio. Ali, as varandas que se estendiam tanto pelo segundo quanto pelo terceiro andar estavam perfeitas. Balaústres recém-pintados, feitos sob encomenda – projetados para reproduzir os que se viam nas velhas fotos do prédio e os que foram encontrados durante as escavações –, secavam a um canto.

Ryder, seu irmão mais velho e empreiteiro-chefe, já tinha uma data prevista para a instalação dos parapeitos e balaústres. Beckett sabia disso porque Owen, o irmão do meio, reclamava com todos eles a respeito de prazos, planejamentos e livros de contabilidade, e mantinha o caçula informado de cada prego colocado – mesmo que Beckett não quisesse saber.

Naquele caso, pensou enquanto pegava a chave, quase sempre queria saber os detalhes. O velho hotel tinha se tornado uma obsessão familiar.

Não pensava em outra coisa, admitiu, abrindo a porta inacabada e provisória do que viria a ser o lobby. Era o seu xodó, dono da sua mente e do seu coração. Nenhum outro projeto em que trabalhara o fisgara desse jeito. E desconfiava que nenhum outro teria o mesmo efeito sobre ele.

Acionou o interruptor e a lâmpada possante que pendia do teto se acendeu, iluminando pisos de concreto, paredes emboçadas, ferramentas, lonas, material de obra.

O interior recendia a madeira e pó de concreto, mas havia também um leve cheiro de cebola grelhada, que alguém devia ter comido na última refeição.

Faria uma inspeção mais detida nos primeiros dois andares pela manhã, quando haveria mais claridade. De qualquer jeito, fora burrice ter ido até ali àquela hora, pois não podia ver defeitos e estava morto de cansaço. Mas não conseguira resistir.

Estava obcecado, pensou novamente, passando sob um amplo arco com as bordas das pedras expostas e ainda não polidas. Acendendo a lanterna, dirigiu-se para a frente do prédio e para a escada de pedreiro que levava lá para cima.

Havia algo especial naquele prédio no meio da noite, quando o barulho das pistolas de pregos, das serras, dos rádios e das vozes se extinguia e as sombras dominavam tudo. Não chegava a ser absolutamente silencioso, imóvel. Era algo irresistível, que lhe dava arrepios na nuca.

Iluminou com a lanterna o segundo andar e notou a forração marrom nas paredes. Como sempre, o relato de Owen fora preciso: Ry e sua equipe tinham completado o isolamento térmico do pavimento.

Embora antes sua intenção fosse seguir direto para o outro piso, ficou circulando por ali com um sorriso no rosto comprido e ossudo. O prazer lhe iluminava os olhos de um azul profundo.

– Estamos avançando – disse ele, a voz rouca por não ter dormido.

Andou em meio à escuridão, guiado pelo facho da lanterna. Era um homem alto, de quadris estreitos, com as pernas compridas dos Montgomerys e a cabeleira castanha com alguns traços mais claros herdados dos Rileys, sua família materna.

Precisou lembrar a si mesmo que, se continuasse ali no segundo andar, nem teria tempo para dormir. Então, subiu ao terceiro piso.

– É exatamente a isso que estava me referindo.

Deleitado, logo afastou a ideia do sono ao passar o dedo pelas emendas já seladas do revestimento das paredes.

Iluminou com a lanterna os buracos por onde passariam os conduítes, dirigiu-se ao que seriam os aposentos do administrador e analisou as aberturas para o encanamento da cozinha e do banheiro. Passou mais tempo vagando pelo que seria a suíte mais elaborada, assentindo com aprovação diante do painel que fazia as vezes de parede, dividindo o generoso espaço do banheiro.

– Você é um gênio e tanto, Beck, mas agora, pelo amor de Deus, vá para casa.

Atordoado de cansaço e ansiedade, deu mais uma boa olhada no local antes de se dirigir à escada.

De volta ao segundo andar, ouviu uma espécie de ruído surdo, nitidamente feminino. No exato momento em que esse som chegou aos seus ouvidos, também veio um perfume: o cheiro doce e selvagem de madressilvas florescendo no verão.

Sentiu um desconforto no estômago, mas manteve a lanterna acesa enquanto seguia pelo corredor até a parte inacabada, onde ficariam os quartos de hóspedes. Então o som e o perfume se esvaíram e ele balançou a cabeça.

– Sei que você está aqui – disse com uma voz firme que fez eco. – E acho que está aqui há algum tempo. Nós a estamos trazendo de volta. Ela merece isso. Espero que goste do resultado, porque é assim que vai ficar.

Aguardou por um ou dois minutos. Sua imaginação estava tão fértil – ou seu cansaço era tão grande – que parecia sentir alguém, ou algo, vigiando-o.

– Que seja – falou ele, dando de ombros. – Estamos lhe dando o melhor que temos e somos bons pra caramba.

Quando desceu, notou que a lâmpada da obra já não estava mais acesa. Beckett a acendeu novamente e, em seguida, apagou-a, encolhendo os ombros de novo. Não seria a primeira vez que o habitante atual brincava com os interruptores.

– Boa noite! – gritou antes de passar a chave na porta.

Dessa vez não esperou o sinal fechar; atravessou a rua na diagonal. A Vesta Pizzaria e Restaurante ocupava a outra ponta da praça, no mesmo prédio do seu apartamento e escritório. Foi andando pela calçada até o estacionamento dos fundos e pegou sua pasta na cabine da caminhonete. Decidido a matar quem quer que o chamasse antes das oito da manhã, Beckett destrancou a porta que dava para a escada e subiu até o seu andar, passando pelo restaurante.

Quando chegou, nem acendeu a luz: seguiu pelo apartamento sem esbarrar em nada, movendo-se com a ajuda da memória e da luminosidade vinda dos postes da rua. Despiu-se ao lado da cama, deixando as peças caírem no chão.

Atirou-se de bruços no colchão e dormiu pensando em madressilvas.



O celular deixado no bolso do jeans tocou às cinco para as sete.

– Desgraçado!

Irritado, saiu da cama se arrastando e pegou o telefone. Ninguém falou nada. Percebeu então que estava com a carteira encostada na orelha.

– Merda!

Largou a carteira e saiu tateando em busca do aparelho.

– Que diabos você quer?

– Bom dia para você também – respondeu Owen. – Estou saindo do Sheetz com café e rosquinhas. Tem uma nova funcionária no turno da manhã. Ela é bem gostosa.

– Vou matar você a marteladas.

– Aí vai ficar sem café e rosquinhas. Estou indo para o canteiro de obras. Ry já deve estar lá. Reunião matinal.

– É às dez!

– Não leu a mensagem que eu mandei?

– Qual delas? Estive fora por dois dias e você me mandou um milhão de mensagens enlouquecidas.

– Eu disse que tínhamos mudado o horário para sete e quinze. Vista-se. Owen desligou.

– Droga!

Tomou uma chuvarada rápida e colocou a roupa.

As nuvens que se acumularam durante a noite haviam conservado o calor, portanto sair agora era como mergulhar inteiramente vestido num rio quente.

Enquanto atravessava a rua, ouviu o barulho de pistolas de pregos, o som de uma música, o ruído de serras. Lá dentro, alguém ria como um louco.

Ao virar a esquina, viu Owen parando a caminhonete no estacionamento que ficava atrás do futuro pátio. O carro brilhava, nitidamente recém-lavado, e as caixas de ferramentas prateadas que ficavam de ambos os lados da carroceria estavam reluzentes.

Owen desceu. Usava jeans, botas de trabalho bem surradas, uma camiseta branca enfiada para dentro da calça e, no cinto, destacava-se o maldito telefone que fazia de tudo – só faltava lhe dar beijos de boa-noite, mas Beckett preferia nem duvidar. O cabelo castanho-escuro de Owen estava

penteadado bem para trás e era evidente que ele tivera tempo para fazer a barba, notou Beckett, irritado.

Owen lhe lançou um sorriso e Beckett imaginou que os olhos por trás daquelas lentes escuras estavam alertas e animados.

– Onde está a porcaria do café?

Owen pegou um copo grande da bandejinha para viagem.

– Só cheguei em casa às três – disse Beckett, tomando um primeiro gole caprichado, que o traria de volta à vida.

– Por quê?

– Quando consegui sair de Richmond já eram quase dez horas. Depois, peguei um engarrafamento na 95. E não venha me dizer, simplesmente *nem* pense em me dizer, que eu deveria ter verificado as condições do trânsito antes de pegar a estrada. E cadê as rosquinhas?

Owen abriu a imensa caixa e o cheiro de fermento, açúcar e gordura inundou o ar pesado. Beckett pegou uma coberta de geleia, devorou metade e engoliu o resto com um pouco mais de café.

– Os balaústres ficaram ótimos – comentou Owen daquele seu jeito descontraído. – Valeram todo o tempo e o dinheiro investidos. – Inclinou a cabeça na direção da caminhonete parada ao lado da sua. – O revestimento do terceiro andar já foi feito. Hoje vão dar a segunda demão de cimento. Ficamos sem folhas de cobre para o telhado, o que vai nos atrasar um pouquinho, mas enquanto o material não chega estamos trabalhando nas telhas.

– Já deu para perceber – comentou Beckett ouvindo o barulho de serras.

Owen continuou a pôr o irmão a par de tudo à medida que cruzavam a porta do saguão e o café despertava Beckett.

O barulho era ensurdecador, mas agora que Beckett havia ingerido um pouco de açúcar e cafeína, aquela cacofonia soava como música aos seus ouvidos. Cumprimentou alguns operários que instalavam o isolamento, depois seguiu Owen pelo arco lateral até a lavanderia, que no momento fazia as vezes de escritório.

Com a testa franzida, Ryder observava algumas plantas abertas sobre a mesa de compensado. Diaraque, seu vira-lata caseiro e bonachão e uma companhia inseparável, roncava deitado a seus pés.

Ao sentir o cheiro da rosquinha, abriu os olhos mais que depressa, abandonando o rabo emaranhado. Beckett partiu um pedaço, atirou-o para o alto e o cachorro o pegou no ar sem a menor dificuldade.

Diaraque não via a menor lógica em correr atrás de pedaços de pau ou bolinhas. Concentrava suas habilidades em pegar qualquer tipo de comida.

– Se pedir outra mudança, mato você em vez do Owen – falou Beckett.

Ryder apenas resmungou e estendeu a mão para pegar seu café.

– Precisamos tirar o quadro de fiação elétrica daqui para usar este espaço como área de serviço do segundo andar.

Beckett pegou outra rosquinha, pensando na sugestão de Ryder. Aqueles pequenos retoques não prejudicariam em nada, pelo contrário, provavelmente só melhorariam o resultado final. O primogênito era, afinal de contas, quem convivia mais de perto com o edifício. Mas quando propôs retirar o teto em caixotões da sala de jantar – motivo de atrito entre eles –, Beckett foi firme.

– Isso fica exatamente como previsto, pois dá personalidade ao ambiente.

– E precisa ter personalidade?

– Todos os ambientes deste lugar vão ter personalidade. A da sala de jantar vai ficar evidente nesses caixotões, entre outras coisas. Eles combinam com o aposento e dão destaque aos painéis que estamos fazendo para as laterais das janelas profundas. Além delas, tem também o teto, o arco de pedra na parede do fundo...

– Que chatice!

Ryder deu uma olhada nas rosquinhas e escolheu uma de canela. Vendo de relance o rabo que se agitava muito aos seus pés, partiu um pedaço e o atirou para Diaraque. O cachorro pegou a guloseima no ato.

– Como foram as coisas lá em Richmond?

– Da próxima vez que eu me oferecer para projetar e ajudar a construir uma varanda coberta para um amigo, me nocauteiem, por favor.

– Com todo o prazer.

Ryder sorriu enquanto comia a rosquinha. Seu cabelo, de um castanho tão escuro que parecia preto, despontava por baixo do boné manchado de tinta. Estava com as sobrancelhas erguidas, o que destacava os olhos verdes com traços dourados.

– Achei que tivesse feito isso para poder se aproximar da irmã do Drew.

– Essa era parte da motivação.

– E como foi?

– Ela tem saído com alguém há umas semanas, só que ninguém se incomodou em me comunicar esse detalhe. Nem sequer cheguei a vê-la. Então,

fiquei lá dormindo no quarto de hóspedes do Drew, fingindo que não o ouvia discutir com Jen todas as noites, reclamando por ela fazer da vida dele um inferno diário.

Beckett tomou o resto do café.

– Apesar disso, a varanda ficou legal.

– Agora que você voltou, podia me ajudar com as estantes da biblioteca – disse Owen.

– Tenho umas coisas para resolver, mas posso reservar umas horinhas para você hoje à tarde.

– Tudo bem. – Owen lhe passou uma pasta. – Mamãe foi até a Bast's – informou ele, referindo-se à loja de móveis que ficava na mesma rua. – Isto é o que ela deseja, incluindo as dimensões e o aposento onde cada item vai ficar. Quer que você faça os esboços.

– Fiz o último lote antes de ir para a casa do Drew. Ela compra tão depressa assim?

– Amanhã ela vai se encontrar com tia Carolee. Vão conversar sobre os tecidos, por isso precisa saber o quanto antes se o que comprou vai servir. Quem mandou tirar uns dias na esperança de conseguir uma gata?

– Pisou na bola.

– Cale a boca, Ry. – Beckett pôs a pasta debaixo do braço. – É melhor eu ir andando.

– Não quer subir para dar uma olhada?

– Já fiz isso de noite.

– Às três da madrugada? – perguntou Owen.

– É, isso mesmo. Está legal.

Um dos operários surgiu à porta.

– Oi, Beck. Ry, o cara que coloca o revestimento está com uma dúvida.

– Vou lá daqui a pouco. – Ryder pegou uma lista escrita à mão de sua prancheta e passou-a a Owen. – Materiais. Faça a encomenda. Quero pôr a cobertura da varanda principal.

– Eu cuido disso. Vai precisar de mim por aqui agora de manhã?

– Temos que pintar milhões de balaústres, instalar alguns quilômetros de isolamento e colocar o assoalho da varanda do segundo andar, a da fachada. O que acha?

– Acho que vou pôr meu cinto de ferramentas depois de pedir o material.

– Passarei por aqui antes de ir à loja de tarde – disse Beckett e saiu

depressa, antes que resolvessem lhe dar uma pistola de pregos para se juntar ao trabalho.



Em casa, pôs uma xícara na cafeteira, conferiu a quantidade de água e os grãos. Enquanto a máquina fazia a moagem, deu uma olhada na sua correspondência, que Owen tinha deixado na bancada da cozinha, assim como *post-its* com os horários em que regara as plantas. Beckett balançou a cabeça. Embora não tivesse pedido a Owen, nem a ninguém, para fazer essas pequenas tarefas enquanto estivesse fora, não ficou surpreso ao ver que haviam sido realizadas.

Se fosse preciso lidar com um pneu furado ou com o holocausto nuclear, Owen era a pessoa certa a quem recorrer.

Beckett jogou as cartas que não interessavam no lixo reciclável e levou as que mereciam maior atenção para o escritório junto com o café.

Gostava daquele espaço, que projetara para si mesmo quando os Montgomerys compraram o prédio anos antes. Tinha ali a velha escriturinha, achada numa feirinha, que ele mesmo restaurara, voltada para a Main Street. Daquele lugar, podia observar a pousada.

Era dono de um terreno fora da cidade e planejava construir uma casa, em cujo esboço vinha trabalhando. Mas outros projetos sempre o obrigavam a adiar este. De qualquer forma, não tinha pressa. Estava satisfeito com a vista privilegiada da Main Street do alto da Vesta. Além do mais, podia ligar lá para baixo e pedir uma entrega em casa ou descer, se não quisesse comer sozinho.

Dava para caminhar até o banco, o barbeiro, a livraria, os correios, até o Crawford's, se quisesse um café da manhã quentinho ou um hambúrguer. Conhecia seus vizinhos, os comerciantes, o ritmo em Boonsboro. Não, não precisava ter pressa.

Deu uma olhadinha na pasta que Owen lhe entregara. Estava tentado a começar de uma vez, a ver o que a mãe e a tia haviam pensado, mas antes tinha outro trabalho para fazer.

Passou a hora seguinte pagando contas, atualizando outros projetos, respondendo e-mails a que não dera atenção quando estava em Richmond.

Conferiu o cronograma de trabalho de Ryder. Owen insistia em que

tivessem uma cópia atualizada toda semana, mesmo que se vissem e falassem uns com os outros toda hora. Quase tudo estava no prazo, o que, considerando-se o escopo do projeto, era de fato um milagre.

Olhou para a pasta branca abarrotada, cheia de fichas, impressões, diagramas – tudo organizado por cômodo – dos sistemas de ar-condicionado e calefação, dos detectores de incêndio, banheiras, vasos sanitários, lavabos, torneiras, iluminação, padrões dos azulejos, eletrodomésticos, além de móveis e acessórios já escolhidos e aprovados.

A pasta ficaria ainda mais grossa antes de terminarem, então era melhor ver o que sua mãe estava planejando. Abriu-a e espalhou as fichas. Em cada uma delas, a mãe colocara as iniciais do aposento para o qual a peça se destinava. Ryder e os operários ainda usavam os números que haviam designado para cada quarto e suíte, mas Beckett sabia que J&R – no segundo andar, na parte de trás, uma das duas que tinha entrada privativa e lareira – queria dizer Jane & Rochester.

Beckett adorara a ideia da mãe de dar às suítes nomes de casais apaixonados da literatura que tiveram um final feliz. Ela fizera isso com todas, exceto com a da frente, que decidiu chamar de A Cobertura.

Ele analisou a cama que a mãe queria e decidiu que o dossel de madeira se encaixaria como uma luva no Thornfield Hall, lar de Rochester. Sorriu ao ver o sofá curvo, o divã que, segundo ela, devia ficar no pé da cama.

A mãe escolhera uma cômoda, mas apontava como alternativa uma escrivaninha com gavetas. Quanto mais exclusivo, pensou ele, mais interessante.

E, pelo visto, também optara por uma cama para a Westley & Buttercup – a segunda suíte da parte posterior –, já que tinha escrito *ESTA AQUI!* em letras garrafais na ficha.

Beckett olhou as outras anotações; ela realmente tivera bastante trabalho. Virou-se para o computador e passou as duas horas seguintes no AutoCAD organizando, ajustando, medindo. De tempos em tempos, abria a pasta para se lembrar do conceito e da disposição dos banheiros ou para dar mais uma olhadinha na parte elétrica, na fiação das TVs de plasma de cada quarto.

Quando se deu por satisfeito, enviou para a mãe o arquivo por e-mail, com cópia para os irmãos, indicando as dimensões máximas para as mesinhas de cabeceira e eventuais cadeiras.

Precisava dar uma parada e queria mais café. Café gelado, decidi. Ou melhor, um cappuccino. Por que não tomar um na Virando a Página? O café da livraria era bom e ele podia esticar as pernas andando um pouco pela Main Street.

Resolveu ignorar o fato de que a cafeteira que comprara fazia capuccino, e ele tinha gelo em casa. Disse a si mesmo que deveria arrumar um tempo para se barbear, pois estava muito quente.

Saiu de casa, desceu até a Main Street e parou diante do Salão de Beleza da Sherry para conversar com Dick, o barbeiro, que estava descansando um pouco.

– Como anda a obra? – perguntou ele.

– Já estamos instalando as divisórias.

– Ah, sim, ajudei a descarregar algumas quando chegaram.

– Vamos ter que pôr seu nome na folha de pagamentos.

Dick sorriu e apontou com o queixo para a pousada.

– Estou gostando de vê-la voltar à vida.

– Eu também. Até mais, Dick.

Beckett continuou caminhando e subiu os degraus da varanda coberta da livraria. Ao entrar, fez com que os sininhos em cima da porta tilintassem. Ergueu a mão cumprimentando Laurie, que estava atendendo um cliente. Enquanto esperava, foi até a parte da frente da loja, onde ficavam os best-sellers e os lançamentos. Pegou o último livro de John Sandford – como tinha deixado escapar esse? –, deu uma lida nas resenhas internas e resolveu ficar com ele. Então seguiu examinando as outras pilhas de livros.

A loja dava uma sensação de tranquilidade, com aquelas salas que se comunicavam umas com as outras de forma fluida e a escada em caracol de degraus rangentes que levava ao escritório e ao depósito no segundo andar. Miudezas, cartões, artesanato local, um pouco disso, um pouco daquilo e, acima de tudo, livros e mais livros enchendo estantes, mesas e caixas, de um jeito que incentivava os clientes a bisbilhotar.

Era mais um prédio antigo, que tinha visto a guerra, as mudanças, o tempo de vacas magras e o tempo de abundância. Hoje em dia, com os tons suaves e o velho assoalho de madeira, conservava uma atmosfera residencial.

Na sua opinião, aquele lugar tinha um cheiro de livro e de mulher, o que fazia sentido, pois a proprietária contava com uma equipe basicamente feminina em tempo integral ou parcial.

Beckett encontrou um Walter Mosley recém-lançado e o pegou também. Depois de olhar para a escada que levava ao escritório do segundo andar, passou pela porta aberta da seção dos fundos da loja. Ouviu vozes, mas logo percebeu que eram de uma garotinha e de uma mulher que ela chamava de mamãe.

Clare tinha filhos, mas eram três meninos. Talvez nem fosse trabalhar naquele dia ou só chegasse mais tarde. De qualquer forma, Beckett fora até ali para tomar café, não para ver Clare Murphy. Clare Brewster, lembrou-se. Já deveria ter se acostumado com o sobrenome, que ela carregava havia dez anos.

Clare Murphy Brewster, sussurrou, mãe de três crianças, dona da livraria. Uma antiga amiga de colégio que voltara para a terra natal depois que um atirador iraquiano destroçara sua vida, deixando-a viúva.

Só iria encontrá-la se ela por acaso estivesse na loja. Não fazia *qualquer* sentido querer ver a viúva de um cara que fora seu colega de escola, de quem gostava, embora o invejasse.

– Desculpe pela demora. Tudo bem, Beck?

– O quê? – Ele voltou a si, virando-se para Laurie enquanto ouvia a porta tilintar com a entrada de mais clientes. – Ah, tudo bem. Encontrei uns livros.

– Imaginei – disse ela, sorrindo para Beckett.

– Pois é. Eu aqui, numa livraria... Mas também tinha esperanças de sair daqui com um cappuccino gelado.

– Posso ajudá-lo. Tudo o que é gelado está fazendo sucesso neste verão.

Laurie prendeu o cabelo castanho-dourado para enfatizar o calor, então gesticulou na direção dos copos.

– Grande?

– Com certeza – respondeu Beckett.

– Como está a pousada?

– Avançando.

Ele se dirigiu ao balcão quando ela se virou para a máquina de *espresso*.

Laurie é uma graça, pensou Beckett. Trabalhava para Clare desde o início, conciliando o emprego com os estudos. Havia... cinco anos, talvez seis? Será que já passara esse tempo todo?

– As pessoas vivem nos perguntando – comentou ela enquanto fazia o café. – Quando, o quê, como... Em especial quando vão tirar aquela lona para que possamos vê-la.

– E estragar a grande surpresa?

– Essa espera está me matando.

Com a conversa e o barulho da máquina, ele não chegou a ouvi-la, mas sentiu sua presença. Olhou para cima e a viu descendo a escada, segurando o corrimão.

Seu coração disparou. Bom, Clare fazia isso acontecer desde que ele tinha 16 anos.

– Oi, Beck. Bem que tinha reconhecido sua voz.

Ela sorriu e o coração de Beckett quase parou de bater.

capítulo dois



BECKETT CONSEGUIU SE CONTROLAR. Sorriu também, de modo breve e casual, enquanto ela continuava descendo a escada, balançando o longo e dourado rabo de cavalo. Clare sempre lhe parecera um girassol, alta e radiante. Os traços esverdeados dos olhos cinzentos lhe davam um brilho a mais sempre que abria um sorriso.

– Faz uns dias que não vejo você – comentou ela.

– Fui a Richmond.

Ela estava um pouco bronzeada, reparou Beckett.

– Perdi alguma coisa? – acrescentou.

– Deixe-me ver.... Alguém roubou um anão de jardim da Carol Tecker.

– Caramba. Provavelmente algum desocupado.

– Ela está oferecendo uma recompensa de 10 dólares para quem conseguir recuperá-lo.

– Vou ficar de olho.

– Alguma novidade da pousada?

– Começamos a instalar as divisórias.

– Essa é velha – retrucou ela, fazendo um gesto de descaso. – Avery me contou ontem, depois que soube por Ry, quando ele foi comer uma pizza.

– Minha mãe fez mais um pedido de móveis e agora está escolhendo os tecidos.

– Isso, *sim*, é novidade.

O verde dos olhos dela brilhava, fazendo o coração de Beckett retumbar.

– Vou adorar ver o que ela escolheu – afirmou Clare. – Sei que vai ficar lindo. E ouvi uns boatos de que vai ter uma banheira de cobre por lá.

Beckett ergueu três dedos.

Ela arregalou os olhos, o verde se destacando do cinza enfumaçado. Ele já estava sem ar.

– Três? Onde vocês conseguem encontrar essas coisas?

– Damos nosso jeito.

Ela olhou para Laurie e deu um profundo suspiro feminino, afetado.

– Já imaginou como será se refestelar numa banheira de cobre? Parece tão romântico...

Infelizmente, Beckett logo a imaginou despindo um belo vestido de alcinha com estampa de papoulas vermelhas e entrando na banheira de cobre.

Não conseguia mais se controlar.

– Como vão os meninos? – perguntou, pegando a carteira.

– Estão ótimos. Agora estamos nos preparando para a volta às aulas, então eles ficam bem agitados. Harry finge que não está nem aí e se faz de maduro, já que vai para o terceiro ano. Ele e Liam generosamente transmitem sua vasta experiência para Murphy. Nem acredito que o meu bebê já vai para o jardim de infância.

Pensar nas crianças sempre o deixava mais centrado e o ajudava a vê-la como MãE, alguém que não deveria imaginar nua.

– Ah – fez ela, apontando o livro de Mosley antes de Laurie colocá-lo na sacola. – Ainda não tive tempo de ler esse livro. Depois me diga o que achou.

– Claro. Ah, passe lá um dia desses para dar uma olhada.

Ela esboçou um sorriso.

– Nós espiamos pelas janelas laterais.

– É só entrar pelos fundos.

– Sério? Eu adoraria, mas achei que não quisessem ninguém circulando por ali.

– Normalmente não, mas... – Ele se interrompeu quando os sinos da porta tocaram e dois casais entraram. – Bom, preciso ir.

– Divirta-se com o livro – disse ela e foi atender os clientes: – Posso ajudá-los a encontrar alguma coisa?

– Estamos só dando uma olhadinha – respondeu um dos homens. – Vocês têm algum livro sobre a Batalha de Antietam?

– Temos. Vou lhe mostrar.

Ela o conduziu até outro ponto da livraria enquanto o resto do grupo vagava pelo local.

Beckett a viu descer um pequeno lance de escadas para ir ao que chamavam de anexo.

– Bem, até mais, Laurie.

– Beck?

Ele se deteve, já com a mão na maçaneta.

– E os livros? O café?

Laurie lhe estendeu a sacola e o cappuccino.

– Ah, claro. – Ele riu, balançando a cabeça. – Obrigado.

– De nada.

Ela deu um breve suspiro quando ele se foi, imaginando se seu namorado já a teria observado se afastar.



Clare levou uma caixa de livros para despachar nos correios. Ao sair pela porta dos fundos e atravessar o estacionamento de paralelepípedos, inspirou fundo enquanto a brisa aflagava seu rosto.

Esperava que fosse chover. Talvez uma bela tempestade a faria poupar o tempo que gastava regando o jardim e os vasos de plantas. Se não viesse acompanhada de raios, poderia deixar os meninos correr ao ar livre depois do jantar e gastar um pouco de energia.

Depois disso, daria um bom banho neles, porque era noite de ver filme e comer pipoca. Tinha que consultar suas anotações para saber de quem era a vez de escolher o título.

Quando três menininhos precisavam decidir se queriam passar o tempo vendo o Bob Esponja, os Power Rangers ou a galera de *Star Wars*, registrar tudo ajudava a evitar discussões, reclamações e brigas. Não chegava a *eliminá-las* de verdade, mas as mantinha num nível que dava para controlar.

Despachou as encomendas e ficou um tempinho conversando com a funcionária dos correios. Como o tráfego na Rodovia 34 estava intenso, voltou a pé pela praça e apertou o botão para acionar o sinal de pedestres. E esperou.

De vez em quando lhe ocorria que estava, pelo menos geograficamente, de volta ao ponto de partida. Todo o resto tinha mudado, pensou, olhando para aquela enorme lona azul.

E continuava mudando.

Ela saíra de Boonsboro aos 19 anos, recém-casada. *Como eu era jovem!*, pensava agora. Cheia de entusiasmo e confiança, muito apaixonada. Não

se importara nem um pouco em se mudar para a Carolina do Norte para começar a vida com Clint como esposa de militar.

Acabara se saindo muito bem nesse papel. Cuidava da casa, trabalhava em meio expediente numa livraria e voltava correndo para preparar o jantar. Soubera que estava grávida poucos dias antes de Clint ser mandado para a sua primeira missão no Iraque.

Enquanto passava pela Vesta, lembrou-se de seu medo na época, que fora superado pelo inocente otimismo da juventude e a alegria de estar esperando um bebê, que dera à luz com apenas 20 anos.

Clint voltara e eles se mudaram para o Kansas. Ficaram lá por quase um ano. Liam nascera durante a segunda missão de Clint. Na volta, fora um bom pai para os dois meninos, mas a guerra tinha lhe roubado aquela alegria espontânea, seu riso rápido e fácil.

Ela não sabia que estava grávida quando lhe dera um beijo de despedida na última vez.

No dia em que lhe entregaram a bandeira do caixão de Clint, Murphy se mexeu dentro dela pela primeira vez.

E agora voltara, pensou, abrindo a porta envidraçada, . Para ficar de vez.

Tinha programado sua visita para depois do almoço e antes dos preparativos do jantar. Algumas pessoas estavam sentadas às mesas de madeira escura e lustrosa, e uma família – de gente de fora, pelo que notou – se amontoava num canto mais ao fundo. Estavam com um bebê de cabelos cacheados esparramado na almofada vermelha, dormindo a sono solto.

Clare ergueu a mão para cumprimentar Avery, que estava atrás do balcão, espalhando molho numa massa. Sentindo-se em casa, pegou um copo de limonada e se aproximou do balcão.

- Acho que vai chover.
- Você disse isso ontem.
- Mas hoje é sério.
- Então tá. Vou pegar meu guarda-chuva.

Avery cobriu o molho com fatias de mussarela e pôs uma camada de pepperoni, cogumelos e azeitonas pretas. Com movimentos rápidos e experientes, abriu um dos enormes fornos atrás de si. Colocou lá dentro a pizza e tirou outra, fatiando-a.

Uma das garçonetes veio da cozinha cantarolando “Oi, Clare” e levou a pizza e alguns pratos para uma das mesas.

– Ufa! – exclamou Avery.

– Dia cheio?

– Estamos lotados desde às onze e meia. Só diminuiu um pouco o movimento há uma meia hora.

– Vai trabalhar à noite?

– Wendy ligou dizendo que está passando mal de novo, então parece que vou ter que dobrar meu turno.

– “Passando mal” quer dizer que terminou com o namorado mais uma vez.

– Acho que eu também passaria mal se estivesse envolvida com esse imprestável. As pizzas dela são boas pra caramba. – Avery pegou uma garrafa de água sob o balcão. – Mas provavelmente vou ter que demiti-la. Esses jovens de hoje... – Revirou os olhos azuis reluzentes. – Não têm a menor responsabilidade profissional.

– Estou tentando lembrar o nome do sujeito por quem você ficou caidinha quando foi pega matando aula.

– Lance Poffinberger... apenas um lapso. E, caramba, paguei caro por isso. Fiz essa bobagem uma única vez e papai me deixou de castigo por um mês. Lance trabalha na Canfield’s como mecânico. – Avery arqueou as sobrancelhas enquanto tomava um gole de água. – Mecânicos são gostosos.

– Está falando sério?

– Lance é a exceção que confirma a regra.

Ela atendeu o telefone, anotou um pedido, tirou a pizza do forno e a fatiou para que a garçonete pudesse levá-la ainda borbulhante até a mesa.

Clare saboreou a limonada e ficou vendo a amiga trabalhar.

Eram amigas desde o ensino médio, no tempo em que eram líderes de torcida. Elas meio que competiam. Quando Avery foi para a universidade e Clare foi para Fort Bragg com Clint, perderam o contato.

Reencontraram-se só depois que Clare retornou, grávida de Murphy e com outros dois filhos. Já Avery, com seu cabelo ruivo e a pele leitosa dos antepassados escoceses, tinha acabado de abrir um restaurante italiano.

– Beckett esteve na livraria mais cedo.

– Alguém tem que avisar a imprensa!

Clare recebeu o sarcasmo da amiga com um sorriso envaidecido.

– Ele disse que posso dar uma olhada na pousada.

– Sério? Deixe-me terminar de preparar esse pedido e a gente vai.

– Não posso agora. Preciso pegar as crianças daqui a... – deu uma olhada no relógio – uma hora. E ainda tenho trabalho a fazer. Que tal amanhã? Talvez antes do período de maior movimento aqui ou na livraria.

– Combinado. Chego por volta das nove para ligar os fornos e tudo o mais. Posso dar uma escapada às dez.

– Às dez então. Tenho que ir. Trabalho, filhos para buscar, jantar, banhos e ainda filme à noite.

– Temos um excelente ravióli de espinafre se não quiser cozinhar hoje.

Clare estava prestes a recusar a oferta, mas achou que era uma ótima forma de fazê-los comer espinafre e ainda poupar 45 minutos na cozinha.

– Eu aceito. Ouça, meus pais chamaram os meninos para dormir na casa deles no sábado. Que tal se eu fizesse uma pizza e abrisse um vinho para uma noitada só para mulheres?

– Não acho nada mal. Poderíamos até pôr uns vestidos sensuais e sair. Quem sabe não encontramos por acaso uns homens que queiram compartilhar a noite?

– É, mas como vou passar a maior parte do dia no shopping e em outlets com três meninos experimentando roupas para a volta às aulas, provavelmente vou querer matar o primeiro sujeito que se dirigir a mim.

– Será a noite das mulheres, então.

– Perfeito.

Avery colocou o ravióli numa caixinha para viagem e pôs a comida na conta de Clare.

– Obrigada. E até amanhã.

– Clare – disse Avery enquanto a outra se encaminhava para a porta –, sábado vou levar uma segunda garrafa de vinho e uma sobremesa. Além do meu pijama.

– Melhor ainda. Quem precisa de homem quando se tem a companhia da melhor amiga?

Clare riu ao ver Avery estender a mão para cima.

Ao sair do restaurante, quase deu um encontrão em Ryder.

– Agora só falta o Owen para eu completar a trinca. Vi Beck mais cedo.

– Estou indo à casa da minha mãe. Ele e Beck estão no escritório. Posso lhe dar uma carona – ofereceu-se com um sorriso. – Vim comprar comida. Mamãe disse que está muito quente para cozinhar.

Clare mostrou sua sacolinha.

– Concordo com ela. Diga que mandei um abraço.

– Pode deixar. Está muito bonita, *ma chère* Clare. Quer sair para dançar?

Ela retribuiu o sorriso enquanto apertava o botão para acionar o sinal de pedestres.

– Claro. Pode passar por volta das oito que eu e os meninos estaremos prontos.

Por sorte o sinal abriu logo e ela atravessou, despedindo-se com um aceno. Tentou se lembrar da última vez que um homem a convidara de verdade para dançar.

Não conseguiu.



O escritório dos Montgomerys era grande como uma casa e fora projetado para que se parecesse com uma. Ostentava uma grande varanda coberta – frequentemente abarrotada com projetos em diferentes estágios – com duas cadeiras reclináveis de braço, feitas de tábuas de madeira já bem gastas, que havia dois anos esperavam ser reformadas e pintadas.

Portas, janelas, duas cubas, caixas de azulejos, telhas, compensados e uma enorme variedade de itens que sobraram de outros projetos estavam misturados num anexo nos fundos, construído por falta de espaço para armazenagem.

Como aquela bagunça o deixava louco, de meses em meses Owen organizava tudo. Mas logo Ryder ou Beckett trazia algo mais, que ficaria largado em qualquer lugar.

Ele sabia muito bem que faziam isso de propósito.

Na parte principal, havia bancadas de trabalho, prateleiras com suprimentos, duas caixas enormes de ferramentas com rodinhas, tábuas, velhos potes de vidro e latas de café com pregos e parafusos, etiquetados por Owen.

Embora nunca satisfizessem completamente os altos padrões de Owen, os outros mantinham ali pelo menos certa organização.

Trabalhavam bem juntos, com um rock de fundo tocando num antigo som reciclado da casa da família, dois ventiladores de coluna soprando para longe o calor, a serra de mesa zumbindo quando Beckett passava mais uma peça de castanheiro pela lâmina.

Ele gostava de segurar a madeira, sentir sua textura, seu cheiro. O viralata de labrador da sua mãe, Atticus, ficava estirado sob a mesa da serra, todo grandalhão, tirando uma soneca. Finch, seu irmão, depositava uma bolinha de beisebol de brinquedo aos pés de Beckett a cada dez segundos.

Diaraque estava jogado de costas em cima de um monte de serragem.

Beckett desligou a máquina e fitou os olhos arregalados de entusiasmo de Finch.

– Por acaso eu pareço estar brincando?

Finch abocanhou a bolinha de novo e a soltou mais perto da bota de Beckett. Embora soubesse que aquilo só ia encorajar uma atividade interminável, ele a pegou e lançou pela porta da frente da oficina.

Finch foi atrás dela com uma alegria incontrolável.

– Você se masturba com essa mão? – perguntou Ryder.

Beckett limpou a baba do cachorro na calça jeans.

– Sou ambidestro.

Pegou mais uma tábua que Ryder já havia medido e marcado. Finch voltou com a bola e a deixou novamente a seus pés.

O processo continuou: Ryder media e marcava, Beckett cortava, Owen unia as peças com cola especial e braçadeiras, seguindo os desenhos pregados num quadro.

Uma das duas estantes de livros que iam do chão ao teto e ficaria ao lado da lareira na biblioteca esperava para ser lixada e envernizada. Logo que acabassem a segunda, assim como o arremate da lareira, encarregariam Owen de embelezar a peça.

Cada um tinha sua habilidade, pensou Beckett, mas não se podia negar que Owen era o mais meticoloso dos três.

Desligou a serra, atirou a bolinha para o doido do Finch e percebeu que já tinha escurecido lá fora. Atticus bocejou, se espreguiçou e se esfregou na perna de Beckett antes de vagar por ali.

Hora de parar, decidiu-se Beckett, e tirou três cervejas da velha geladeira.

– Já é mais do que hora de tomar uma bebidinha – anunciou e levou as garrafas para os irmãos.

– Já percebi.

Ry chutou a bola que o cachorro tinha deixado a seus pés, atirando-a pela janela aberta com a mesma precisão que chutava as bolas de futebol americano na época da escola.

Finch correu e pulou atrás dela. Um barulho de algo quebrando se ouviu na varanda.

– Você viu isso? – perguntou Beckett acima das gargalhadas dos irmãos.
– Esse cachorro é maluco.

– Foi um salto e tanto. – Ryder lambeu o polegar e o passou pelo canto da estante. – É uma madeira ótima. Castanho foi uma escolha bem acertada, Beck.

– Vai combinar bastante com o assoalho. E o sofá tem que ser de couro. Escuro, mas intenso, com cadeiras de couro mais claro para contrastar.

– Que seja. Chegaram hoje as luminárias do teto que mamãe encomendou.

Ryder tomou um gole da sua cerveja. Owen pegou o celular para fazer uma anotação.

– Você as examinou?

– Eu estava meio ocupado.

Owen anotou mais alguma coisa.

– Marcou as caixas? Levou-as para o depósito?

– Aham. Estão marcadas e foram guardadas no porão da Vesta. As luminárias da sala de jantar, tanto as do teto quanto as das paredes, também chegaram.

– Preciso das notas.

– Estão com as caixas.

– Temos que manter a papelada organizada.

Finch voltou trotando e soltou a bolinha, abanando o rabo com toda a força.

– Vamos ver se você consegue fazer aquilo de novo – sugeriu Beckett.

Sem pensar duas vezes, Ryder chutou a bola pela janela. O cachorro voou atrás dela. O barulho de algo quebrando se repetiu. Intrigado, Diaraque se aproximou e pôs as patas no parapeito. Depois de um tempo, tentou pular lá para fora.

– Preciso de um cachorro – comentou Owen.

Ele deu um gole na cerveja e os três ficaram observando o esforço de Diaraque para seguir Finch.

– Vou arranjar um cachorro assim que terminarmos este trabalho.

Fecharam a oficina e foram tomar a cerveja lá fora. Passaram uns quinze minutos falando de trabalho e jogando a bolinha para o incansável Finch.

As cigarras e os vaga-lumes enchiam de sons e brilho o gramado e as árvores ao redor. Às vezes, uma coruja reunia forças para piar de forma agourenta. Tudo isso fazia Beckett se lembrar de outras noites de verão em que os três irmãos corriam por ali, tão infatigáveis quanto Finch.

Quando as luzes da casa acendiam e apagavam, acendiam e apagavam, era hora de entrar – e sempre lhe parecia cedo demais.

Um pouco preocupado, pensava na mãe, sozinha lá em cima, na grande casa em meio ao bosque. Após a morte do pai, que fora bem dura para todos, os três voltaram a morar com ela. E ficaram lá até que a mãe os pôs para fora, meses depois.

Ainda assim, por um ano, pelo menos um deles arranjara uma desculpa para passar a noite lá, uma vez por semana que fosse. Mas a verdade é que ela estava bem. Tinha seu trabalho, sua irmã, suas amigas, seus cachorros. Justine Montgomery não ficava se arrastando pela enorme casa. Ela *mora*-va ali.

Ryder indicou a casa com a cabeça. Dava para ver a varanda, a cozinha e o escritório iluminados, para o caso de eles quererem voltar.

– Está acordada, caçando mais coisas na internet.

– Ela é boa nisso – comentou Beckett. – Caso não se dispusesse a gastar seu tempo e não tivesse um olho cirúrgico, nós é que precisaríamos fazer isso.

– Você faz de qualquer forma – observou Ryder. – Sr. Escuro mas Intenso com Contraste.

– Faz parte do trabalho de design, meu irmão.

– Falando nisso – interveio Owen –, ainda estão faltando as luzes de emergência e as placas com indicação de saída.

– Estou procurando. Não vamos colocar algo feio. – Beckett enfiou as mãos nos bolsos. – Encontraremos algo que caia bem. Já vou indo. Amanhã trago algumas opções – disse a Ryder.

– Traga seu cinto de ferramentas.



No caminho para casa, o vento batia-lhe no rosto, entrando pela janela da caminhonete. A estação em que tinha sintonizado tocou Goo Goo Dolls, lembrando-o dos tempos de colégio e de Clare.

Percorreu o trajeto mais longo, pelas estradas secundárias que traçavam um grande círculo. Estava fazendo isso porque gostava de dirigir, disse a si mesmo, não para passar em frente à casa de Clare.

Não era de ficar bisbilhotando ninguém.

Reduziu um pouco a velocidade, deu uma boa olhada na casinha situada nos limites da cidade e percebeu que a residência de Clare estava como a da mãe dele, com as luzes da cozinha e da varanda acesas, além da sala.

Não conseguiu pensar numa desculpa para fazer uma visita. Não que precisasse de uma, mas...

Imaginou-a relaxando após um dia cheio, talvez lendo um livro ou vendo um pouco de TV. Desfrutando de um tempinho só para ela depois de pôr as crianças para dormir.

Ele *podia* bater à sua porta. Ei, estava aqui pelas redondezas, vi as luzes acesas. Estou com minhas ferramentas no carro, caso precise de algum conserto.

Meu Deus!

Continuou dirigindo. Em toda a sua história com as mulheres, Clare Murphy Brewster era a única que o deixava atordoado e confuso.

Sempre se saíra bem com as mulheres. Provavelmente porque gostava de tudo nelas, do jeito estranho como suas mentes funcionavam. De uma bebê até uma velhinha, apreciava-as pelo que eram.

Nunca tinha ficado perdido, sem saber o que falar a uma mulher, a não ser com Clare. Nunca havia se arrependido por algo que devia ter dito ou por algo que dissera, exceto quando se tratava de Clare. Nunca ficara excitado sem fazer nenhum movimento de aproximação em seguida – sem contar Clare.

Na verdade, seria melhor ficar com alguém como a irmã do Drew. Uma mulher atraente, que gostava de ser paquerada e não o deixava pensando ou querendo demais.

Já era hora de tirar Clare e seus meninos fofos da cabeça de uma vez por todas.

Parou no estacionamento atrás do seu prédio e olhou para as janelas escuras do apartamento.

Tinha que subir, trabalhar um pouco, depois dormir logo para recuperar o sono atrasado.

Em vez disso, atravessou a rua. Só ia dar uma volta, olhar o que Ry, sua

equipe e os operários tinham feito naquele dia. Não estava pronto para ficar sozinho, admitiu, e a atual residente da pousada era melhor do que nada.



Na casa de Clare, os Power Rangers lutavam contra as forças do mal. Bombas explodiam, os Rangers voavam, saltavam, rolavam e atacavam. Clare já tinha visto aquele DVD e incontáveis outros da série tantas vezes que podia narrar os golpes de olhos fechados.

Isso lhe dava a vantagem de fingir que se concentrava na ação enquanto repassava o que precisava fazer. Liam se esparramava no sofá, com a cabeça em seu colo. Viu que os olhos dele estavam abertos, mas turvos. Não ia demorar muito para dormir.

Harry estava deitado no chão, com um Ranger vermelho na mão, tão quieto que ela percebeu que o menino já tinha apagado. Mas Murphy, sua corujinha, se achava sentado ao seu lado, desperto e fascinado pelo filme como se o visse pela primeira vez.

Se deixasse, ele ficaria acordado até meia-noite. Clare sabia que, quando acabasse o filme, Murphy imploraria para ver mais um.

Ela precisava pagar suas contas, terminar de dobrar as roupas e pôr mais uma leva de toalhas para lavar. Tinha que começar a ler o livro que trouxera para casa – não só por prazer, mas porque considerava a leitura uma parte essencial do seu trabalho.

Depois de repassar a lista de tarefas, deu-se conta de que ela é que ia ficar de pé até meia-noite. Tudo culpa sua, pois sucumbira aos pedidos dos meninos para uma segunda sessão.

Bom, os quatro ficaram muito felizes, ela também, por poder passar a noite aconchegada com os três homenzinhos. As roupas para lavar estariam sempre lá, pensou, mas seus meninos em breve não se animariam mais com a ideia de ver filmes em casa com a mãe.

Como imaginara, assim que o bem venceu o mal, Murphy a fitou com aqueles grandes olhos castanhos suplicantes. Era tão engraçado ele ser o único a herdar a cor dos olhos de Clint e a genética ter lhe dado os cabelos louros dela.

– Por favor, mãe! Não estou cansado.

– Por hoje foram dois, o terceiro fica para depois – ela rimou, apertando o nariz do filho.

O rostinho bonito do menino, com o nariz achatado cheio de sardas, se franziu numa expressão tristonha.

– Por favor! Só um episódio.

Ele parecia um homem faminto implorando por um pedaço de pão duro.

– Murphy, já passou da hora de dormir. – Ela ergueu o dedo quando o filho ameaçou protestar. – E, se continuar reclamando, vou me lembrar na próxima noite de filme. Vamos, levante-se e vá fazer xixi.

– Não estou com vontade de fazer xixi.

– Vá assim mesmo.

Ele se levantou e andou como se estivesse indo para a forca. Clare foi cuidar de Liam. Ela o ergueu, segurando seu corpinho inerte, a cabeça apoiada em seu ombro.

Clare amava os fartos cachos castanho-claros de Liam, que estavam cheirando a shampoo. Subiu os degraus carregando-o para o banheiro onde Murphy cantarolava enquanto esvaziava a bexiga.

– Não baixe a tampa nem dê descarga.

– Tenho que fazer isso. Você sempre me manda fazer.

– É, mas Liam também tem que fazer xixi. Ande, vá para a cama, meu querido. Já estou indo para lá.

Com a agilidade adquirida com a experiência, Clare pôs Liam de pé, segurando-o com uma das mãos e, com a outra, baixou seu short do pijama.

– Vamos fazer xixi, rapaz.

– Tá

Quando ele mirou, Clare teve que guiar sua mão para não ter que limpar as paredes depois.

Por fim, ergueu o short do filho e se preparou para acompanhá-lo até a cama, mas o menino se virou e estendeu os braços para ela.

Clare o carregou até o quarto, que fora planejado para ser usado por um casal, e o deitou na cama de baixo de um dos beliches. Murphy estava na outra, enrodilhado com seu Optimus Prime de pelúcia.

– Eu já volto – sussurrou ela. – Vou buscar Harry.

Repetiu com Harry tudo o que havia feito com Liam, até chegar ao banheiro. Recentemente, o filho tinha decidido que mamãe era uma garota e que garotas não podiam entrar no banheiro quando ele fazia xixi.

Clare saiu após se assegurar que Harry estava acordado o bastante para se manter de pé. Estremeceu um pouco ao ouvir a tampa do vaso bater e esperou pela descarga.

Pouco depois, ele saiu.

– Tinha uns sapos azuis no carro.

– Humm. – Sabia que Harry tinha sonhos muito realistas e frequentes. Guiou-o até a cama. – Gosto de azul. Vamos, suba.

– O vermelho é que dirige.

– Provavelmente é o mais velho.

Ela o beijou no rosto – ele já havia pegado no sono de novo –, foi até a cama de Liam para beijá-lo também, depois se debruçou para falar com Murphy.

– Feche os olhos.

– Não estou cansado.

– Feche assim mesmo. Quem sabe você não encontra com Harry e os sapos azuis? O vermelho está dirigindo.

– Tem cachorros também?

– Se você quiser, vai ter. Boa noite.

– Boa noite. Podemos ter um cachorro?

– Por enquanto você podia apenas sonhar com um.

Ela deu uma última olhada nos seus meninos, seu mundo, que dormiam sob a luz fraquinha do abajur de Homem-Aranha.

Em seguida, desceu para executar sua lista de tarefas.

Pouco depois da meia-noite, pegou no sono com um livro nas mãos e a luz acesa. Sonhou com sapos azuis e seu motorista vermelho, além de cachorros roxos e verdes. E, curiosamente, ao despertar um instante para apagar a luz, pensou em Beckett Montgomery sorrindo ao vê-la descer a escada da livraria.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br